



Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Ciências da Educação  
Núcleo de Desenvolvimento Infantil  
Curso de Especialização em Educação Infantil  
Campus Universitário – Trindade – Caixa Postal 476  
e-mail : [especializacao.ufsc.ndi@gmail.com](mailto:especializacao.ufsc.ndi@gmail.com) - Fone 3721-8921

Joice Adriane de Assis Pereira Krischanski

## **ACOLHIMENTO DA CRIANÇA NO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E AS RELAÇÕES QUE PRODUZ NA ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS**

Florianópolis  
2012

Joice Adriane de Assis Pereira Krischanski

**ACOLHIMENTO DA CRIANÇA NO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E AS  
RELAÇÕES QUE PRODUZ NA ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS**

Artigo submetido ao Curso de  
Especialização em Educação Infantil para a  
obtenção do Grau de Especialista em  
Educação Infantil  
Orientador: Prof. Fabíola Possamai

Florianópolis  
2012  
Joice Adriane de Assis Pereira Krischanski

## ACOLHIMENTO DA CRIANÇA NO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E AS RELAÇÕES QUE PRODUZ NA ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Este artigo foi julgado aprovado para a obtenção do Título de “Especialista em Educação Infantil” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Especialização em Educação Infantil.

Florianópolis, de de 2012.

---

Prof. Dra. Marilene Dandolini Raupp  
Coordenadora Geral do CEEI

### Banca Examinadora:

---

Prof. ....

Orientador

---

Prof. ....

Primeiro membro

---

Prof. ...

Segundo membro

# ACOLHIMENTO DA CRIANÇA NO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E AS RELAÇÕES QUE PRODUZ NA ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS

Joice Adriane de Assis Pereira Krischanski<sup>1</sup>  
Fabiola Possamai<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo trata da forma como é organizado o espaço na rotina da educação infantil, sendo priorizado o momento do acolhimento, na recepção das crianças na unidade. A organização do espaço tem sido discutida atualmente como fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, bem como as relações que ela produz nesse espaço com o com o outro e com o próprio espaço físico. O objetivo é refletir sobre as atuais discussões e propor alternativas de sua qualificação. A metodologia utilizada tem abordagem qualitativa, do tipo observacional. Este como recurso que permite reorientar o planejamento durante sua execução, que foi realizada em um Centro de Educação Infantil da Rede Municipal de Joinville localizada no norte catarinense. Os autores presentes no estudo são Vygotsky (2011), Horn (2004), Zabalza (1998), Bassedas (1999), Craidy (2001) que discutem a importância da interação entre as crianças e a organização dos espaços, do papel do educador e também como a relação da criança com o meio influencia sua aprendizagem. Os estudos apontam que respeitando o direito que toda criança tem em construir sua autonomia, sua identidade bem como, o seu próprio conhecimento e ao professor infantil cabe o papel de alguém que reconhece a sua verdadeira e importante função dentro dos espaços, participando como alguém que por ser mais experiente tem muito a planejar, intervir, mediar e proporcionar nesse espaço aos seus educandos.

**Palavras-chave:** Educação Infantil – Criança- Espaço -, Interação; Aprendizagem.

## INTRODUÇÃO

---

**Joice Adriane de Assis Pereira Krischanski:** Professora da Rede Municipal de Ensino de Joinville à 9 anos atuando diretamente na Educação Infantil. Graduada pela Associação Catarinense de Ensino, Especialista em Educação Inclusiva. Exercendo a função de Coordenadora Pedagógica desde 2011  
E-mail: [joicekris@yahoo.com.br](mailto:joicekris@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> **Fabiola Possamai:** Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina com Estágio Científico de Pós Doutorado em Currículo e Avaliação pela Universidade do Minho/Portugal. Professora da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) e pesquisadora no Programa Institucional de Engenharia de Produção no projeto “A aprendizagem continuada nas empresas do setor químico plástico de Joinville”.

E-mail: [fabiolap@terra.com.br](mailto:fabiolap@terra.com.br) [fabipossamai@hotmail.com](mailto:fabipossamai@hotmail.com)

Buscando a realização de ações educativas bem sucedidas no desenvolvimento e aprendizagem do educando no contexto da educação infantil o espaço físico, como local de convívio, torna-se um elemento indispensável a ser observado. A organização deste espaço deve ser pensada tendo como princípio oferecer um lugar acolhedor e prazeroso para a criança, isto é, um lugar onde as crianças possam brincar, criar e recriar suas brincadeiras sentindo-se assim estimuladas e independentes. Esses momentos podem ser construídos e focados em diferentes vivências da rotina da criança. Um deles é a recepção, de fundamental importância, pois pode se constituir em diferentes ambientes. De acordo com Horn (2004, p. 28):

É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções [...] nessa dimensão o espaço é entendido como algo conjugado ao ambiente e vice-versa. Todavia é importante esclarecer que essa relação não se constitui de forma linear. Assim sendo, em um mesmo espaço podemos ter ambientes diferentes, pois a semelhança entre eles não significa que sejam iguais. Eles se definem com a relação que as pessoas constroem entre elas e o espaço organizado.

O espaço criado para a criança é organizado de acordo com sua faixa etária propõe desafios cognitivos e motores a farão avançar no desenvolvimento de suas potencialidades. Ele deve estar povoado de objetos que retratem a cultura e o meio social em que a criança está inserida. Gandini (1999, p.150) coloca que: “o espaço reflete a cultura das pessoas que nele vivem de muitas formas e, em um exame cuidadoso, revela até mesmo as camadas distintas dessa influência cultural”.

O espaço infantil que prioriza a história das crianças em seu contexto promove a troca de saberes. Diz o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998, vol 1, p. 21-22):

As crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação.

As interações que ocorrem dentro dos espaços são de grande influência no desenvolvimento e aprendizagem da criança. Neste sentido, o educador é visto

como figura central do processo de ensino aprendizagem, como um colaborador mais experiente e alguém mais que aprende e permite ao educando aprender de forma mais lúdica possível. Assim descontrói-se a crença absoluta de que a criança só aprende se um professor ensinar, e de que só o professor é responsável pelo desenvolvimento de todas as potencialidades da criança. A criança através do meio cultural, das suas interações com o meio seja em um trabalho individual ou coletivo é a verdadeira construtora do seu conhecimento. De acordo com Oliveira (2000, p.158):

O ambiente, com ou sem o conhecimento do educador, envia mensagens e, os que aprendem, respondem a elas. A influência do meio através da interação possibilitada por seus elementos é contínua e penetrante. As crianças e ou os usuários dos espaços são os verdadeiros protagonistas da sua aprendizagem, na vivência ativa com outras pessoas e objetos, que possibilita descobertas pessoais num espaço onde será realizado um trabalho individualmente ou em pequenos grupos.

Os espaços construídos para criança e com a criança podem ser explorados por ela, em uma relação de interação total, de aprendizagem, de troca de saberes entre os pares, de liberdade de ir e vir, de prazer, de individualidades, de partilhas, enfim, de se divertir aprendendo.

## **1. A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS NA RECEPÇÃO DAS CRIANÇAS**

A educação infantil tem e está pautada em uma rotina diária que estabelece uma sequência de atividades. Assim, a criança se adapta e se situa nas diferentes propostas oferecidas em seu dia a dia. Para Horn, (2001, p.67):

Organizar o cotidiano das crianças na Escola Infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de qualquer coisa, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir principalmente de suas necessidades.

Dentro dessa rotina um dos primeiros momentos da criança é a sua acolhida, sua recepção. Outro, em especial, trata-se do próprio acolhimento, a ação imbuída de afeto, onde a criança se sente querida pelo professor e bem vinda à

escola. Somente depois disso é que decorrem a socialização e a interação com o grupo, com o meio e a relação com adulto/professor.

As creches, através da ação de suas profissionais, precisam organizar seus espaços de forma a acolher e propiciar, para as crianças, percepções do ambiente cultural, auxiliando-as a adaptar-se a ele e a modificá-lo. Os adultos podem criar um ambiente cultural de maneira a propiciar o máximo a escolha de atividades das crianças, dentro de um padrão de segurança, de estímulo a autonomia e à cooperação. (ABRAMOVICZ e WAJSKOP, 1995, p.30).

Assim como o adulto a criança também vai ampliar seu leque cultural através do que lhe é proporcionado. Se o ambiente/espço que está inserido é rico potencializa, acrescenta e principalmente, instiga o processo de aprendizagem. Mas para isso se faz necessária a mediação do adulto que é o observador e percebe o que pode vir ao encontro do potencial da criança, com ações mais bem programadas, planejadas e participativas, nas quais a criança é o ator principal.

Para a educação infantil os espaços são lugares de encontro (sempre que me encontro com alguém, incluído consigo mesmo, o faço num espaço; são uma grande biblioteca de estímulos para a ação (como armazém de informações, como cenário lúdico, como mundo de transações, como sede da fantasia, etc.); são um ecossistema especialmente preparado para que as crianças se sintam bem e seguras. Para os educadores, os espaços são, principalmente fonte de oportunidades, a condição externa (e interna, pois no fim interiorizamos os espaços e acabamos nos acomodando a eles) que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal, nosso e das crianças e condicionará o desenvolvimento das atividades educativas que desejamos realizar (PAOLILLO, 2008 p.34).

Para que o acolhimento das crianças seja acolhedor o professor necessita estar disponível e com um ambiente planejado. O contexto no qual se insere a recepção favorecerá a aprendizagem e o envolvimento da criança nas atividades. Tomando como referência os postulados de Vygotsky, entendemos que o papel do professor é “intervir na zona de desenvolvimento proximal das crianças, provocando avanços que não ocorreriam de forma espontânea, mas de forma a desafiar o seu pensamento” (HORN, 2001, p.20).

Nas maiores, é possível dialogar e compartilhar combinações. A ideia central é que as atividades planejadas diariamente devem contar

com a participação ativa das crianças garantindo às mesmas a construção das noções de tempo e espaço, possibilitando-lhes a compreensão do modo com as situações sociais são organizadas e, sobretudo, permitindo ricas e variadas interações sociais (HORN e BARBOSA, 2000, p. 67).

É comum considerar que no momento da recepção/acolhimento, a criança tem sua atividade livre. No entanto, trata-se de um pensamento equivocado, afinal ela tem uma situação de aprendizagem rica em interação, criação e desenvolvimento cognitivo. Suas funções psicológicas estão sendo desafiadas a partir do que está proposto no espaço físico.

Essas atividades permitem que as crianças escolham o que desejam fazer, desde que o ambiente em termos de materiais e espaços o permita. É comum o entendimento, do nosso ponto de vista, equivocados que nestes momentos a professora se livra da responsabilidade de intervir e acompanhar o que as crianças decidem fazer. Pelo contrário, entendemos ser este um momento adequado para interações e observações significativas do adulto junto às crianças. É importante que nos períodos de jogos de livre escolha as crianças tenham o tempo para construir a brincadeira e desenvolvê-la (HORN e BARBOSA, 2000, p. 68).

Nesses momentos o professor atua como mediador das ações e estimulador para o desenvolvimento da criança. Ao envolvê-la em diferentes situações de aprendizagem na recepção com um espaço propositadamente organizado, possibilita o acolhimento. O professor que entende a oportunidade que esse momento propicia, o organiza semanalmente ou diariamente propondo diferentes desafios resultantes da percepção de como as crianças estão interagindo nesse ambiente. Promove situações de brincadeiras livres, opcionais ou coordenadas pelo adulto.

Refletindo sobre a importância da existência de um espaço diferenciado para as brincadeiras das crianças e devido à dificuldade que seu uso real na escola revela, podemos perceber delinear-se uma representação-uma ideia geral que se tem algo e que diz a partir da prática, mas que envolve também o pensar sobre o discurso e a prática – da professora a respeito da brincadeira e que explicita certa contradição do discurso com a prática. (FANTIN, p. 111, 2000).

O planejar a organização dos espaços está pautado em observações do professor e vivências da criança, pois só é possível desafiar a criança a partir de diferentes situações que ela presencia no seu dia-a-dia. Esse espaço fundamental para o seu desenvolvimento. Para Horn (2001, p.73):

Compartilhamos da ideia de que o espaço físico e social é fundamental para o desenvolvimento das crianças, na medida em que ajuda a estruturar as funções motoras sensoriais e simbólicas, lúdicas e relacionais. Inicialmente as crianças tem suas percepções centradas no corpo, concomitante com o seu desenvolvimento corporal, sua percepção começa a descentrar-se e estabelecer as fronteiras do eu e do não eu. Conseqüentemente, os espaços educativos não podem ser todos iguais, o mundo é cheio de contrastes e de tensões, sendo importante as crianças aprenderem a lidar com isso. Ao pensarmos no espaço para as crianças devemos levar em consideração que o ambiente é composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso de espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida.

Dentro da disposição desses espaços pode-se flexibilizar diferentes situações para a criança, pois é um processo de construção e criação que se instiga nesses momentos livres, porém planejadas, pois é uma via de mão dupla, onde o professor aprende e valoriza a criança como um todo e ela constrói sua identidade e as brincadeiras que irão proporcionar o seu desenvolvimento enquanto ser humano.

Faria faz a seguinte afirmação partindo deste contexto:

Os centros de educação infantil, partindo do que a criança é capaz de múltiplas relações deve ter espaços flexíveis e versáteis diferentes da casa, do hospital, incorporando vários ambientes de vida em contexto educativo, que possibilitem novidades a serem criadas pelas crianças como pelos adultos e que, portanto, estão em permanente construção, assim como a infância (2007, p.78).

Todos esses apontamentos devem ser priorizados na rotina da educação infantil. É, de fato, uma das situações que em as relações se estabelecem no que diz respeito ao acolhimento/recepção da criança. Assim poderá sentir o espaço, apropriar-se,

sentir-se segura, acolhida, estimulada, envolvida em diferentes cores e instigada ao jogo, ao brincar, à socializar-se. Isso não pode ser aprendido sozinho. É uma relação de dependência, cada sujeito precisa do outro para constituir história,

fazer parte dela e aprender com isso. Portanto, torna-se um desafio diário do educador transformar esse ambiente rico em desenvolvimento e aprendizagem.

## 2. COMO É FEITO NA MINHA ESCOLA

A rotina do Centro de Educação Infantil inicia com as crianças de idade entre 3 a 5 anos, sendo recepcionadas no pátio da escola no período matutino as 7:45 horas e vespertino as 13:15 horas. O grupo a ser observado são crianças de 4 e 5 anos. Realizou – se a observação para refletirmos o quanto esse momento dentro da constituição do tempo da criança é importante e pode auxiliar no seu desenvolvimento de autonomia, em ações individuais, coletivas e de integração que irá produzir na relação com o outro. Assim como coloca Vygostsky (2011, p. 60), “o desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, já que as formas psicológicas emergem da vida social.

Figura 1: Vista parcial do pátio



Fonte: Acervo Pessoal

Cada professor dirige-se ao seu grupo que já está organizado por filas aguardando a sua chegada. Os pais aguardam ao lado das crianças ou no final da fila, onde trocam algumas palavras com a professora regente de sala. Logo após, a professora conduz a fila até a sala, as crianças entram, penduram suas mochilas nos ganchinhos e sentam-se aguardando a ordem da professora para começar a brincar. Geralmente as crianças se distribuem em grupos nas mesas que são organizadas de forma uniforme.

Figura 2: Disposição da sala



Fonte: Acervo Pessoal

Enquanto a professora disponibiliza os brinquedos sobre as mesas para que o grupo possa manusear, jogar ou brincar, as crianças ficam sentadas nas cadeiras e com os grupos já formados, fazem troca entre si, mas pouco se movimentam. Em relação a essa organização do tempo no acolhimento/recepção e próprio rotina que se coloca para a criança, Fantin (2000, p. 122) em seus estudos faz a seguinte colocação:

Sabemos que o estabelecimento de uma sequencia básica de atividades diárias é importante para orientar a criança na percepção da relação espaço-tempo. Mas, por que será que neste “ritual” tem tão pouca surpresa, tudo sempre tão igual marcando o tempo e as relações entre as pessoas e definindo uma temporalidade não apenas das crianças, mas de pais, profissionais, enfim, de gerações? Afinal, o acontecer de coisas novas e inesperadas é fundamental para ampliar as experiências infantis, pois as novidades também podem ser planejadas, inclusive apoiando-se na própria estrutura deste ritual-escolar- e marcado pelo uso do tempo em várias atividades que determinam os diferentes momentos que as crianças ali vivem.

Figura 3: Momento de acolhimento/recepção



Fonte: Acervo Pessoal

O professor então se dirige à sua mesa, observa algumas crianças e olha seu material de planejamento ou registro, fica atento para as crianças não discutirem entre si ou entrar em discordância, e registra algumas situações da recepção das crianças que observa. Depois de um período de mais ou menos de 40 minutos a uma hora pede às crianças que com cuidado organizem os materiais nos organizadores que já se têm destinado a cada brinquedo.

O que se percebe é que diariamente as atividades são repetitivas tornando-se mecânicas de tal modo que as crianças parecem nem se importar, se conformam com o que é oferecido. O adulto é passivo quanto às proposições de algumas atividades diferenciadas. Não propõe brincadeiras de papéis sociais, por exemplo. Essas brincadeiras são fundamentais para o seu desenvolvimento e a forma como são dispostas e organizadas podem vir de encontro e com a contribuição da criança, porém o professor tem um papel importante para estruturar, ele perceberá o que é necessário e de interesse do grupo. Kishimoto faz a seguinte colocação:

A ação da professora é fundamental para ampliar a qualidade do brincar, observando os interesses da criança e as práticas do universo profissional da comunidade, de modo a criar outras brincadeiras de faz-de-conta ou fazer mediações (2012, p.100).

Em uma das turmas observadas percebe-se que a professora procura organizar cantinhos temáticos para as crianças. Em conversa, relatou que eles adoram brincar nesses cantinhos organizados.

Figura 4: Organização em cantinhos.



Fonte: Acervo Pessoal

Faria (2007, p.11) faz referência com relação à construção do espaço para a criança. Afirma que “a organização do espaço físico das instituições de educação infantil deve levar em consideração todas as dimensões humanas: o imaginário, o lúdico, o artístico, o afetivo, o cognitivo”. Para possibilitar o espaço nessas dimensões precisa de uma tomada de consciência que não é só a partir da concepção que o profissional tem da criança que se constituirá dessa forma, mas com leitura, reflexões de sua prática e análise do que foi ofertado, e em que favoreceu o desenvolvimento do conhecimento e da autonomia.

A atividade de cantinhos planejados não foi presenciado nas outras duas turmas, mesmo que o espaço tenha sido organizado e disponibilizado da mesma forma.

O acolhimento/recepção acontece sempre na sala. Em nenhuma outra situação foi presenciada outro espaço da unidade planejado pelo professor. Eles se organizam nas suas salas e disponibilizam jogos de montar, quebra-cabeças entre outros, porém uma vez por semana as crianças trazem brinquedos de casa e podem compartilhar com o grupo.

Quanto à disponibilidade do tempo para as brincadeiras e interações entre as crianças, é disponibilizada uma média de 40 minutos à uma hora para recepção. Após esse período iniciam-se outras atividades da rotina como: o crachá, o calendário linear, o momento da história, música, lanche, higiene, parque.

A rotina é contemplada, porém poderia ser mais bem pensada dentro das possibilidades e criatividade de cada professor, favorecendo o momento da acolhida. “Quando se recebe a criança na sala, é conveniente oferecer diferentes possibilidades de jogo ou atividades tranquilas (contos, jogos, cantinhos e etc.), para

que os pequenos possam incorporar-se livremente à atividade que queiram” afirmam (BASSEDAS et all, 1999,p.103).

O espaço da sala deve ser proposto como um espaço estimulante e criativo tornando-se confortável aos olhos da criança e favorecendo seu aprendizado. É preciso propor um local estimulante e organizado o espaço de maneira que fique acolhedor, seguro, amplo e funcional para os deslocamentos.

O professor será o mediador que ira enriquecer e motivar a crianças nesse espaço. Zabalza faz a seguinte colocação em relação ao professor:

Costuma-se dizer que uma das tarefas fundamentais de um professor(a) de educação infantil é saber organizar um ambiente estimulante e possibilitar às crianças que assistem a essa aula terem inúmeras possibilidades de ação, ampliando, assim, as suas vivências de descobrimento e consolidação de experiências (ZABALZA, 1988, p.53).

O processo acontecerá de forma prazerosa desafiando a criança a pensar e, como numa via de mão dupla, possibilita ao professor reflexões de suas ações neste contexto. Questionando-se que situações de aprendizagem foram viáveis ou não e o que fazer nesse processo de mudança, o planejamento se constituirá em uma ferramenta ativa, dinâmica e instigadora de proposições de aprendizagem e processos educativos.

A organização do espaço vai favorecer e vai ser favorecida por uma pedagogia das diferenças, uma pedagogia da animação, garantindo a melhoria das condições de vida pelo direito à educação das crianças de 0 a 6 anos.  
(FARIA 2007,p.80)

### **3. COMO A TEORIA PODE AJUDAR A MELHORAR A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS.**

Os estudos teóricos apontam possibilidades para se pensar e auxiliar o professor na sua prática. São fundamentais na organização da rotina, da proposição dos conteúdos, principalmente no que se relaciona ao espaço da criança e suas possibilidades internas de sala de aula que diariamente são propostas, conforme a discussão realizada neste artigo.

O espaço pode ser organizado levando-se em conta o objetivo da educação infantil que é de promover o desenvolvimento integral das crianças. Mas o que é promover o desenvolvimento integral da criança em sua totalidade? Embora o discurso esteja aprendido pelos profissionais da educação, dentro de uma unidade acabamos nos deixando envolver pela rotina, e como consequência, se perde o objetivo principal que é proporcionar vivências concretas e participativas para as crianças. O professor involuntariamente perde a essência do olhar do observar passa a enxergar só o que tem a cumprir. Horn (2004) a partir de suas pesquisas escreve:

O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como as crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica. Alias, o que sempre me chamou minha atenção foi a pobreza frequentemente encontrada nas salas de aula, nos materiais, nas cores, nos aromas; enfim, em tudo que pode povoar o espaço onde cotidianamente as crianças estão e como poderiam desenvolver-se nele e por meio dele fosse mais bem organizado e mais rico em desafios. (HORN, 2004, p.15)

O espaço de sala pode revelar as características do grupo auxiliando o professor a levantar propostas que venham ao encontro da realidade cultural da criança favorecendo o seu desenvolvimento. Ele pode estar rico e recheado de descobertas, sensações, cores que priorizem a sua autonomia, respeitando e privilegiando a faixa etária da turma. Wajskop escreve que:

O arranjo das salas reflete a rotina de cada grupo. Em cada faixa etária, cada turma vai construindo seus espaços e territórios em função do ritmo de cada criança, da história do grupo e das intervenções da educadora. (WAJSKOP e ABRAMOVICH,1999, p.38)

Assim, especialmente, para crianças entre 3 e 5 anos, o ambiente favorece autonomia desde o mobiliário ao acesso de atividades que se constituam como situações de aprendizagem. Por exemplo: um determinado cantinho da sala com um baú cheio de brinquedos pode transformar o espaço em uma deliciosa brincadeira de mercado para gerenciar e administrar funções entre as crianças e seus colegas, determinando tarefas, vendendo produtos, delegando funções aos amigos, organizando produtos para vendas. A criança estará articulando diferentes linguagens e expressando comportamentos dentro deste contexto. Quantos papéis

sociais a criança estará presenciando e expressando-se através de diferentes linguagens. Wajskop menciona que:

O espaço funciona melhor para essa faixa etária quando as crianças podem escolher as atividades e trabalhar em pequenos grupos. A independência e autonomia que as crianças dessa faixa etária já adquiriram com relação ao adulto permitem que trabalhem ou brinquem em atividades diversificadas durante um longo período de tempo. A familiaridade de alguns dos materiais já explorados, quando as crianças eram menores, também é um fator de independência e facilita o planejamento e a execução dos trabalhos individuais ou em equipes. Podem-se organizar áreas ou cantos para brincar e para trabalhar. Essas áreas podem conter materiais e objetos dispostos de maneira coerente e acessível para as crianças desenvolverem projetos nas diferentes linguagens e conhecimentos. ((WAJSKOP, 1999,p.46)

A educação infantil propõe situações flexíveis e bem elaboradas no que se refere ao espaço, desde que representem desafios à criança. Promove momentos individuais, coletivos e recreativos que serão enriquecidos a partir da identificação desse espaço e sua funcionalidade social.

Zabalza (1998, p.50) coloca que:

A educação infantil possui características muito particulares no que se refere à organização dos espaços: precisa de espaços amplos, bem diferenciados, de fácil acesso e especializados (facilmente identificáveis pelas crianças tanto do ponto de vista da sua função como das atividades que se realizam nos mesmos). Também é importante que exista um espaço onde possam ser realizadas tarefas conjuntas de todo o grupo: assembleias, dramatizações, atividades rítmicas, etc. O espaço acaba tornando-se uma condição básica para poder levar adiante muito dos outros aspectos-chaves. As aulas convencionais com espaços indiferenciados são cenários empobrecidos e tornam impossível (ou dificultam seriamente) uma dinâmica de trabalho baseada na autonomia e na atenção individual de cada criança.

Neste local a criança vivenciará situações que são cotidianas, mas recheada de sentimentos e emoções, pois conquistará mais autonomia, aprenderá a lidar com seus medos, compartilhará diferentes situações em grupo e será instigada a pensar e mover-se para uma solução. Todos esses conceitos serão proporcionados neste ambiente. Para Bronfenbrenner (apud HORN, 2004, p.55):

A organização do ambiente da sala de aula de uma instituição de educação infantil pode ser considerada como um microssistema e constitui-se por excelência, em um local onde características físicas, sociais e simbólicas permitirão, ou não conforme estiver estruturado, que muitas interações ocorram entre as crianças e os objetos e os materiais.

Para a criança sentir-se parte do contexto se faz necessário que ela vivencie e sinta-se motivada a participar da ação do brincar, criar, participar, imaginar, interagir com esse meio e assim favorecendo sua atividade criadora contribuirá para o seu processo de descoberta e desenvolvimento humano, compartilhando diferentes papéis sociais e situações de aprendizagem.

É fundamental a criança ter um espaço povoado de objetos com os quais posso criar, imaginar, construir e, em especial, um espaço para brincar, o qual certamente não será o mesmo para as crianças maiores e menores. (HORN 2004, p.19)

O espaço planejado poderá proporcionar brincadeiras de papéis sociais para a criança. Essa proposta irá gerar um desenvolvimento rico para a criança envolvendo-a em diferentes linguagens e proposições de conteúdos que serão trabalhadas a partir do contexto que será inserida.

Não basta a criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competências; é preciso que ela interaja com esse espaço para vivê-lo, intencionalmente. Isso quer dizer que essas vivências, na realidade estruturam-se em uma rede de relações e expressam-se em papéis que as crianças desempenham em um contexto no qual os móveis, os materiais, os rituais de rotina, a professora e a vida das crianças fora da escola interferem nessa vivência. (ROSSETTI-FERREIRA apud HORN, 2004, p.15)

Disponibilizar situações de organização simples sem muitas divisões favorece além da interação o aprendizado de um com outro, possibilitando conhecer a cultura que o outro produz e constrói. Estimulando a criança interagir com eles e propor de diferentes maneiras, Craidy e Kaercher (2001,p.76) dizem que:

É importante que os educadores tenham bom senso para verificar a possibilidade concreta de organizar a sua sala em função do espaço real que possuem (cuidando para que o ambiente não fique

superdividido) e sem lugar para as atividades coletivas nem espaço aberto para atividades de movimento amplo.

Todos os autores citados no decorrer do texto não colocam fórmulas prontas para desenvolver propostas de organização para espaços de vivência da criança, mas apontam reflexões para educadores e professores repensarem as situações de aprendizagem, estimulando-os a uma prática mais bem sucedida.

## **PROPOSIÇÕES CABAIS**

O objetivo do projeto de observação pedagógica foi refletir sobre as atuais discussões de qualificação para o espaço no acolhimento/recepção das crianças.

Os autores propõem que primeiramente os espaços devem estar recheados de descobertas, cores, aromas e objetos que instiguem a autonomia da criança e favoreça a articulação de papéis sociais para a criança. Esses jogos simbólicos evidenciarão a cultura que a criança está inserida.

O professor através das suas observações, participação e integração quanto à organização do espaço poderá ampliar o repertório cultural da criança de acordo com a sua faixa etária. Para tanto, planejar ações articuladas em espaços amplos de fácil identificação para a criança compreender sua função no ambiente e priorizar ações individuais, coletivas de integração são fundamentais.

No Centro de Educação Infantil observado foram constatadas algumas situações que precisam ser repensadas. É possível ofertar além de jogos como: quebra-cabeça, memória, jogos de encaixe e espaços dispostos sempre da mesma forma, especialmente na hora em que as crianças interagem ao entrarem em sala promover novas e instigantes ações de forma planejada, estimulando-as e desafiando-as resolverem situações de toda a ordem. É preciso

O espaço organizado permite priorizar a aprendizagem e a socialização, da zona de desenvolvimento proximal da criança para a zona de desenvolvimento real.

Buscar alternativas para a reflexão articular com a prática dando um viés para a ação docente deve ser ação estratégica nos centros de educação infantil. Há um caminho a ser percorrido que não se compõe de propostas prontas e aplicáveis,

mas de repensar e observar a criança com olhos que valorizam este humano em sua humanidade.

**REFERÊNCIAS:**

- ABRAMOVICH, Anete; WAJSKOP, Gisela. **Educação infantil:** creches atividades para crianças de zero a seis anos. São Paulo: Moderna, 1995.
- BASSEDAS, Eulalia et al. **Aprender e ensinar na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2007.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (orgs.). **As cem linguagens da criança:** A abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FANTIN, Mônica. **Jogo, Brinquedo e Cultura na Educação Infantil.** Florianópolis: Cidade Futura, 2000.
- FARIA, Ana L.G., PALHARES, Marina S. **Educação Infantil – PÓS LDB. Rumos e Desafios.** Campinas: Autores Associados, 2007.
- KAERCHER, G.E. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- KISHIMOTO, Tizuko, Freyberger, Adriana. **Manual de Orientação Pedagógica.** Brasília: MEC, 2012
- HORN. M. G. S. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2004.
- OLIVEIRA, Vera Barros de. **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos.** Petrópolis: Vozes, 2000.
- PAOLOILLO. V.M. **Educação infantil:** uma reflexão sobre organização de espaços. **Revista Direcional Educador. 2008.**
- REGO. T.C. **Uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Vygotsky. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ZABALZA. M. A. **Qualidade na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 1998.